

AS REDES SOCIOÍTERO-COMUNICACIONAIS NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL BRASILEIRO

VALDIRENE HESSLER BREDOW¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – valhessler@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é recorte de pesquisa de Tese de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Pelotas, defendida em junho de 2022. A análise teve como objetivo investigar de que forma ocorreu o processo de uso das redes sociais, aplicativos, mídias e outras plataformas digitais no Ensino Remoto Emergencial (ERE) brasileiro, durante o ano de 2020, período da Pandemia de Covid-19. A problemática de investigação buscou responder quais as formas, motivações e impactos foram desencadeados pelo uso das redes sociais e aplicativos digitais no ERE.

A fundamentação teórica desta tese desenvolveu-se em cinco capítulos teóricos que trouxeram inicialmente reflexões sobre como a rede social *Facebook* influenciou nos descaminhos da política pelo uso dos algoritmos, abordando a manipulação da sociedade pela deflagração de *Fake News* e das influências comerciais e capitalistas na educação que tiveram alcance com a pandemia de Covid-19 (CASTELLS, 1999; GALLOWAY, 2017; MOROZOV, 2018). O capítulo seguinte discutiu de que maneira a escola, o corpo e a sociedade se alteraram a partir do uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (SIBILIA, 2002; SANTAELLA, 2003; RÜDIGER, 2008).

As transformações ocasionadas pela emergência da cibercultura na sociedade contemporânea que altera os processos educacionais pela inteligência coletiva e o aprendizado por conexões e redes digitais foram abarcadas basicamente pelas considerações de LÉVY (1999), SIEMENS (2004), LEMOS (2013) e MATTAR (2012; 2013). O penúltimo capítulo discutiu sobre as noções do Ensino Remoto Emergencial e como este foi pensado (HODGES et al., 2020). Seguido da argumentação sobre os apelos e controles que as redes sociais têm sobre a sociedade contemporânea, mas que apesar de todos os problemas que as envolvem, elas se inseriram na educação, sendo utilizadas cada vez mais e, principalmente pelos jovens, conforme destacam RECUERO (2010), SPADARO (2013) e ALBUQUERQUE (2019).

2. METODOLOGIA

O procedimento metodológico utilizado na presente investigação se baseou na Netnografia (KOZINETTS, 2014), sendo uma pesquisa observacional participante baseada no trabalho de campo *on-line*, que utiliza a comunicação mediada por computador como fonte de dados para análise etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal.

Os sujeitos desta pesquisa foram 50 professores de 11 estados brasileiros que responderam um formulário aplicado via *Google Forms* e deste universo, 17 professores que aceitaram ser entrevistados. A análise dos dados desta investigação teve como base as considerações de MALHEIROS (2011), utilizando assim, a análise de conteúdo como um instrumento da pesquisa qualitativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A netnografia demonstrou que apesar do uso das redes sociais, mídias digitais e aplicativos de mensagens no ERE durante o ano de 2020, ter propiciado novas habilidades ao trabalho docente, gerando interação e comunicação mais imediata entre alunos e professores, o momento foi de muitos problemas e desafios aos envolvidos na educação, tanto professores, alunos quanto escola e familiares. Foi necessária uma adaptação inicial de toda a comunidade escolar, que precisou além de lidar com a exclusão e falta de acesso e equipamentos, a falta de informação e conhecimento das plataformas, aplicativos e redes sociais.

A primeira etapa netnográfica (análise dos formulários com as respostas de 50 professores brasileiros), destacou o perfil social e interativo das redes sociais, contudo, instrucional para envio e recebimento de atividades, links, recados e demais trocas de conteúdo. A Figura 1 traz o panorama positivo e negativo de experiências, tanto para alunos quanto para docentes sobre os processos desencadeados pelo uso de aplicativos e redes sociais que necessitaram ser inseridas no início das atividades do Ensino Remoto Emergencial.

Figura 1- Experiências Positivas e Negativas pelo Uso das Redes Digitais no ERE



Fonte: BREDOW, 2022.

As entrevistas apontaram uma série de pontos negativos, revelando que o ERE foi um momento estressante pela invasão de privacidade, o acesso a perfis pessoais dos professores, além do acesso a números de telefones particulares, além da adaptação em inserir as tecnologias digitais de informação e comunicação nos processos educativos mesmo sem ter formação adequada, a desvalorização do trabalho docente, a distância da sala de aula presencial, entre outros aspectos.

Apesar de positivamente alguns professores terem salientado sobre a valorização do trabalho docente e a importância do professor na sociedade, a maioria se sentiu desmotivada e desvalorizada pelos comentários da sociedade, mídia e espectro político das esferas municipais, estaduais e federal.

Em meio a adaptações e adequações a uma nova forma de trabalho totalmente a distância, a pandemia de Covid-19 inseriu no cotidiano de alunos e professores uma nova realidade, a de trabalho a distância e, nesse conjunto de ações as redes sociais se configuraram como ambientes para aprendizagem, comunicação e interação para alunos e professores, sendo um meio de contato com estudantes e familiares,

distantes pelo isolamento social e, posteriormente, utilizados para postagem, trocas, reenvio de material e retorno de atividades, não sendo um espaço em que tenha havido muitas trocas e construção de conhecimento e aprendizagem.

As plataformas, redes digitais e aplicativos mensageiros se destacaram como meios não apenas sociais e comunicacionais, mas interativos, também, formando a tríade social-interativa-comunicacional, pois laços de contato foram construídos ao longo do ERE, nessa perspectiva, esses ambientes *on-line* se resultaram em redes “socioíntero-comunicacionais”, estimulando trocas que incluem mensagens, arquivos e aprendizagens, ampliando a relação comunicacional e interativa da contemporaneidade, e no tocante aos aspectos educacionais, interligou a comunidade escolar por diferentes meios, mesmo que dadas as condições remotas e virtuais estabelecidas.

Sobre o contexto avaliativo foi possível perceber que a avaliação no período ocorreu de forma qualitativa, contínua, reflexiva, interativa e participativa, envolvendo também devolutivas de atividades tanto por meio digital como impressas, porém, sem a possibilidade de acompanhamento real do estudante, tão relevante para compreender seu progresso. Os professores destacaram que a necessidade de rever o processo foi emergente, dadas as condições remotas do momento de pandemia, ainda, alguns entenderam isso como aspecto positivo e que provavelmente irá acarretar em mudanças futuras para a educação.

Fatores como a desigualdade econômica e social das famílias brasileiras; falta de acesso à dispositivos de conexão à internet; inexistência ou insuficiência de conectividade em certas localizações geográficas, como a zona rural; problemas de infraestrutura nas instalações das escolas; e, falta de formação de professores; baixos salários e desvalorização do trabalho docente; e até mesmo conhecimento sobre a utilização geral das tecnologias digitais, apontaram que as redes sociais não foram espaços que desenvolveram e promoveram a construção do conhecimento e aprendizagem durante o ERE. Porém, se configuraram como potentes espaços de sociabilidade, interação e comunicação, pois o contato entre alunos e professores, seria muito mais difícil nesse momento de educação remota, caso essa comunicação digital não fosse viável.

4. CONCLUSÕES

Com as análises dos dados empíricos percebeu-se que as escolas ainda não estão preparadas para trabalharem com a utilização das tecnologias digitais, a aprendizagem por redes na realidade da educação básica brasileira por hora não permite tal prática, apesar da investigação deixar pistas sobre essa possível possibilidade por parte de alguns professores, salvo questões de estrutura e formação que precisam ser pensadas.

Os aplicativos e redes sociais utilizados na educação foram aportes que deram respaldo interativo e de comunicação para estudantes e docentes de todos níveis de ensino, socializando toda comunidade escolar (escola, comunidade, pais, responsáveis, familiares, professores/professoras e estudantes) e é essa concepção que faz esses espaços virtuais se configurarem como redes socioíntero-comunicacionais, que compreendem a formação de espaços capazes de ampliar a relação comunicacional e interativa da contemporaneidade, conectando sujeitos a partir de objetivos comuns, independentemente, dos âmbitos em que se formam, incluindo as relações sociais e afetivas, educacionais, profissionais e econômicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, F. E. T. **O jovem e o Facebook na escola**. 1. Ed, Curitiba: Prisma, 2019.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6ª edição totalmente revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GALLOWAY, S. **Os quatro: Apple, Amazon, Facebook e Google**. São Paulo: HSM, 2017.
- HODGES, C. B. *et al.* The difference between emergency remote teaching and *on-line* learning. **EDUCAUSE Review**. 27 mar. 2020.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LEMONS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 6. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MATTAR, J. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.
- MOROZOV, E. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Ubu Editora, 2018.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- RÜDIGER, F. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e Criticismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SIEMENS, G. **Conectivismo: Uma Teoria de Aprendizagem para a Idade Digital**. 2004.
- SPADARO, A. **Web 2.0: redes sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013.